

MIGUEL
PRUDÊNCIOA partir de uma conversa com
LÚCIA CRESPO**BRUNO SIMÃO**

Nada faz com que nos movamos por uma causa.

Não tinha um telescópio aos três anos, nem tinha a certeza de ter acertado quando escolheu Bioquímica na Faculdade. “Tenho imensa pena de não poder dar aquela resposta poética de que já mexia nas células quando era pequeno”, brinca. As coisas foram acontecendo ao cientista Miguel Prudêncio, investigador do Instituto de Medicina Molecular (IMM), que lidera um projecto de desenvolvimento de uma vacina contra a malária financiado, em 1,218 milhões de dólares, pela Fundação Bill & Melinda Gates. “Estamos numa fase crucial, a de obtenção de autorizações para os ensaios clínicos da vacina com seres humanos”. O financiamento da Fundação Gates ao projecto de Miguel Prudêncio foi notícia em muitos órgãos de comunicação. Diz ele que, das poucas notícias boas em Portugal, grande parte delas vem da ciência. E que, por isso, o país deveria fazer da ciência um desígnio nacional. O cientista estará presente na 6ª edição do iMed Conference, evento que decorre em Lisboa de 10 a 12 de Outubro, para falar sobre a ameaça de um regresso da malária a Portugal, precipitada pelo aquecimento global.

A

A culpa é dos imigrantes. A culpa é dos estrangeiros. A culpa é dos outros. É sempre mais fácil culpar terceiros. O que aconteceu nas eleições europeias, com a extrema-direita e os partidos anti-imigração a ganharem tal preponderância, é catastrófico. E eu que pensava que os discursos nacionalistas já não colariam desta forma na Europa. As pessoas circulam de um lado para o outro, contactam com culturas diferentes. Aqui, no Instituto de Medicina Molecular, isso é bem visível. Toda a gente já passou por períodos no estrangeiro. E temos por cá pessoas de outros países. Mas, afinal, os discursos nacionalistas colam, e colam bem. Colam porque vivem da frustração das pessoas. Encontrar um culpado para os nossos males é sempre um alívio.

Ainda assim, como é que é possível proferir afirmações como “O ‘senhor Ébola’ pode resolver o problema de imigração da Europa” [Jean-Marie Le Pe, fundador da Frente Nacional em França] e depois o seu partido ter 25% dos votos? É verdade que eu já tinha perdido as ilusões com a França. No dito país da igualdade, que se diz a favor da tolerância, houve manifestações de uma dimensão inacreditável contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo. E não podemos esquecer que, já em 2002, o Le Pen foi à segunda volta das presidenciais francesas. O que se passou agora não vem do nada. Mas foi agravado pela crise e pela insatisfação gerada pela crise.



A filosofia por detrás da criação de uma união europeia, baseada em conceitos como a solidariedade, tem sido posta em causa pela forma como a crise está a ser gerida. A Europa sucumbiu aos interesses da finança. E as pessoas não vêem o que é que as instituições europeias lhes trazem de vantajoso, não percebem exactamente o seu papel. Os partidos de extrema-direita, com muita demagogia, aproveitaram-se deste contexto e as pessoas sucumbiram a mensagens populistas e fáceis.

E há uma enorme falta de líderes carismáticos na Europa. De líderes dignos desse nome, como o foram homens como Willy Brandt, pessoas com visão. Hoje, olhamos à volta e não há ninguém de quem possamos dizer que é uma referência moral ou política. Em Portugal, temos uma classe de carreiristas políticos, pessoas que não fizeram mais nada a não ser militar nas juventudes partidárias e ascender no partido.

Com a insatisfação das pessoas, a taxa de abstenção nas eleições era inevitável. Eu voto sempre. Não votar é um desrespeito por quem lutou tanto para que hoje o pudéssemos fazer. E, como dizia o Ricardo Araújo Pereira, há lá muitos quadradinhos, não temos que votar sempre nos mesmos partidos.

Quando eu era mais novo, achava que os referendos seriam a forma perfeita da democracia. Pensei assim até ao dia do primeiro referendo



em Portugal, sobre a despenalização do aborto, e a abstenção foi gigante. Sendo um tema tão quente e tão próximo das pessoas, como era possível tal abstenção? Realmente, somos muito passivos, nada faz com que nos movamos por uma causa.

Sou muito crítico do país e poderia resumir as críticas em duas palavras: [falta de] cidadania e de civismo. Quando as pessoas não pagam impostos e não percebem que, com isso, estão a prejudicar-se a si próprias e a todas as outras pessoas, quando as pessoas não apanham o cocó que o cão fez no chão, quando as pessoas não reciclam o lixo...

E nem sequer acho que, enquanto sociedade, estejamos a caminhar no sentido correcto. Penso que esta falta de “civilidade” não tem tanto a ver com a questão de sermos uma “democracia jovem”, mas sim com a nossa cultura. Vejo pessoas da minha geração ou mais novas a terem as mesmas manifestações de falta de cidadania que eu via quando era mais novo. Há menos gente a cuspir no chão, mas continua a existir o chico-espertismo. A capacidade de improvisar é uma virtude, o problema é que a fronteira entre a iniciativa para encontrar soluções e o tal chico-espertismo é muito ténue. O tipo que encontra soluções para os problemas é, muitas vezes, o

tipo que passa à frente dos outros na fila.

No programa “Portugueses no mundo”, da Antena 1, quando se lhes pergunta do que é que têm saudades em Portugal, eles respondem: tempo, comida, família e amigos. Não respondem que têm saudades do sistema de justiça ou da organização social. As coisas boas não dependem da nossa actuação enquanto sociedade, da actuação do Governo. Digo isto com tristeza.

Dito isto, é verdade que, em Portugal, somos todos mais emotivos e mais profundos nas relações que estabelecemos do que, por exemplo, noutras sociedades, como nos Estados Unidos, onde é muito fácil entabular conversa, mas não o aprofundar de uma relação. O mesmo acontece em Inglaterra ou na Holanda, onde vivi durante anos.

Sendo muito crítico de Portugal, por que é que não me vou embora? A pergunta impõe-se, é certo. Voltei há dez anos. Senti que tinha chegado ao fim um ciclo da minha vida, foi uma coisa emotiva. Eu vinha de Biologia Molecular e, aos trinta e tal anos, mudei radicalmente de área, faltava-me qualquer coisa de mais palpável. Vim trabalhar com a [investigadora] Maria Manuel Mota, que me

deu todas as possibilidades para eu evoluir. Tive imensa sorte. E tenho a sorte de trabalhar num sítio com condições excepcionais, equiparáveis a qualquer país desenvolvido e onde o estímulo intelectual diário é reconfortante. Tenho a noção de que sou um privilegiado neste país. Não só tenho um emprego, como tenho o emprego de que gosto.

Portugal tem ilhas onde as coisas funcionam muito bem. Uma delas é, precisamente, a ciência. É daquelas áreas onde o investimento que já foi feito justificava plenamente que se continuasse a investir. Deveria ser uma área prioritária. Um desígnio nacional. A comunidade científica nacional cresceu imenso, a produção científica cresceu muito, em quantidade e em qualidade. Das poucas notícias positivas em Portugal, muitas têm sido sobre ciência: os prémios, a descoberta que alguém fez, o financiamento que alguém obteve. E isto é sintomático de que esta é uma área em que Portugal deveria investir. Tal implicaria uma visão além dos quatro anos de uma legislatura. A política de terra queimada, de acabar com tudo o que foi feito pelos governos anteriores, é a política do quanto pior melhor. Não podem existir desígnios nacionais enquanto houver a postura de destruir o que foi feito por quem nos antecedeu. **W**